TEXTO
MARIANA ASSIS, VIRAJOVEM DO RIO DE JANEIRO (RJ)

ILUSTRAÇÃO
FLORA POUGY GUAZZELLI

MARIA FIRMINA DOS REIS: A PRIMEIRA ROMANCISTA BRASILEIRA

"ÚRSULA" FOI O PRIMEIRO LIVRO NACIONAL CONTADO PELO PONTO DE VISTA DE PESSOAS EM REGIME DE ESCRAVIDÃO

Não poderia haver uma tradução mais ilustrativa para a invisibilização da intelectualidade da mulher negra do que a história da escritora Maria Firmina dos Reis. Considerada a primeira romancista abolicionista do Brasil, Firmina teve uma trajetória marcada pelo pioneirismo enquanto escritora do gênero feminino – como precursora da literatura abolicionista e também como fundadora da literatura afro-brasileira. Estudos recentes apontam para o lugar singular que Maria Firmina ocupa em nossa história e cultura, uma vez que transgrediu barreiras sociais, raciais e de gênero e fez da escrita um instrumento de crítica à escravidão. Mas, afinal, quem foi essa mulher revolucionária?

São Luís do Maranhão, 11 de março de 1822. Preta, filha ilegítima de pai negro e mãe branca, Maria Firmina dos Reis era proveniente de uma família de posses modestas. Foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no Maranhão para professora de ensino primário. Leonor dos Reis, sua mãe, propôs a ela que fosse buscar seu diploma em um palanquim por escravos de uma tia. A sugestão foi recusada categoricamente por Firmina, para quem "negro não é animal para se ir montando nele".

Os laços de proximidade que tinha com pessoas escravizadas, como aponta Nascimento de Morais (importante estudioso da vida da escritora), fez com que Firmina desenvolvesse empatia para com cativos que sofriam com as mazelas da escravidão. Em Úrsula (1859), romance de estreia, as personagens escravizadas refletem sobre si mesmas assim como a respeito das violências a que eram submetidas devido ao sistema escravista que as desumanizavam. **AO RESTITUIR-LHES A HUMANIDADE, FIRMINA MOSTRA QUE HOMENS E MULHERES NEGROS TÊM CONSCIÊNCIA SOBRE AS INJUSTIÇAS DA ESCRAVIDÃO, DAS OPRESSÕES DO MANDO SENHORIAL, DO ESTRANHAMENTO DA TERRA ALHEIA, ENFIM, DE SI E DO MUNDO.**

Dito isso, fica nítida a potência da literatura produzida por Maria Firmina e, quando se leva em conta o contexto da época, o quanto foi ousada e corajosa. Embora a escritora fosse bem conhecida pelos maranhenses, tenha conseguido publicar seu livro num cenário que era adverso para mulheres e, em se tratando de mulheres negras, mais excludente ainda, Firmina foi apresentada por alguns jornais da época com distanciamento. "(...) porquanto não seja perfeita, revela muito talento na autora, e mostra que se não lhe faltar animação poderá produzir trabalho de maior mérito", ponderou o *Jornal do Comércio*. Firmina publicou também o romance indianista Gupeva (1861), o conto abolicionista A Escrava (1887) e diversos poemas.

Biografia

Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba

Njinga a Mbande (1581 - 1663), rainha do Ndongo e do Matamba, marcou a história de Angola do século XVII. Os projectos mercantis europeus, em particular de desenvolvimento do tráfico de escravos na costa da África austral, alteram a paisagem política, social e cultural do reino do Ndongo e de toda a região. Foi neste contexto que Njinga a Mbande cresceu e se impõe como um notável exemplo de governo feminino.

Em 1617, Ngola Mbande Kiluanji, rei do Ndongo, morre. O seu filho, Ngola Mbande, torna-se o novo rei.

Porém, não tem o carisma do seu pai, nem a inteligência da sua irmã Njinga a Mbande. Em 1622, influenciado pelos portugueses, envia Njinga a Mbande como embaixadora a Luanda para negociar a paz com Dom João Correia De Sousa, vice-rei de Portugal. Njinga revela-se então como uma negociadora e uma diplomata fora do comum.

Em 1624, Ngola Mbande morre. Njinga toma posse e torna-se rainha. Impõe-se desde logo como uma soberana de excepção. A sua táctica de guerra e de espionagem, as suas qualidades como diplomata, a sua capacidade para tecer múltipla e estratégicas alianças, e por fim o seu conhecimento das implicações comerciais e religiosas, permitir-lhe-ão opor resistência tenaz aos projectos coloniais portugueses até à sua morte em 1663.

Estátua de Njinga a Mbande em Luanda, República de Angola.
Fotografia de Erik Cleves Kristensen, 2006

A resistência dos reinos africanos face aos Europeus.
Ilustração extraída da História geral de África da UNESCO

A resistência

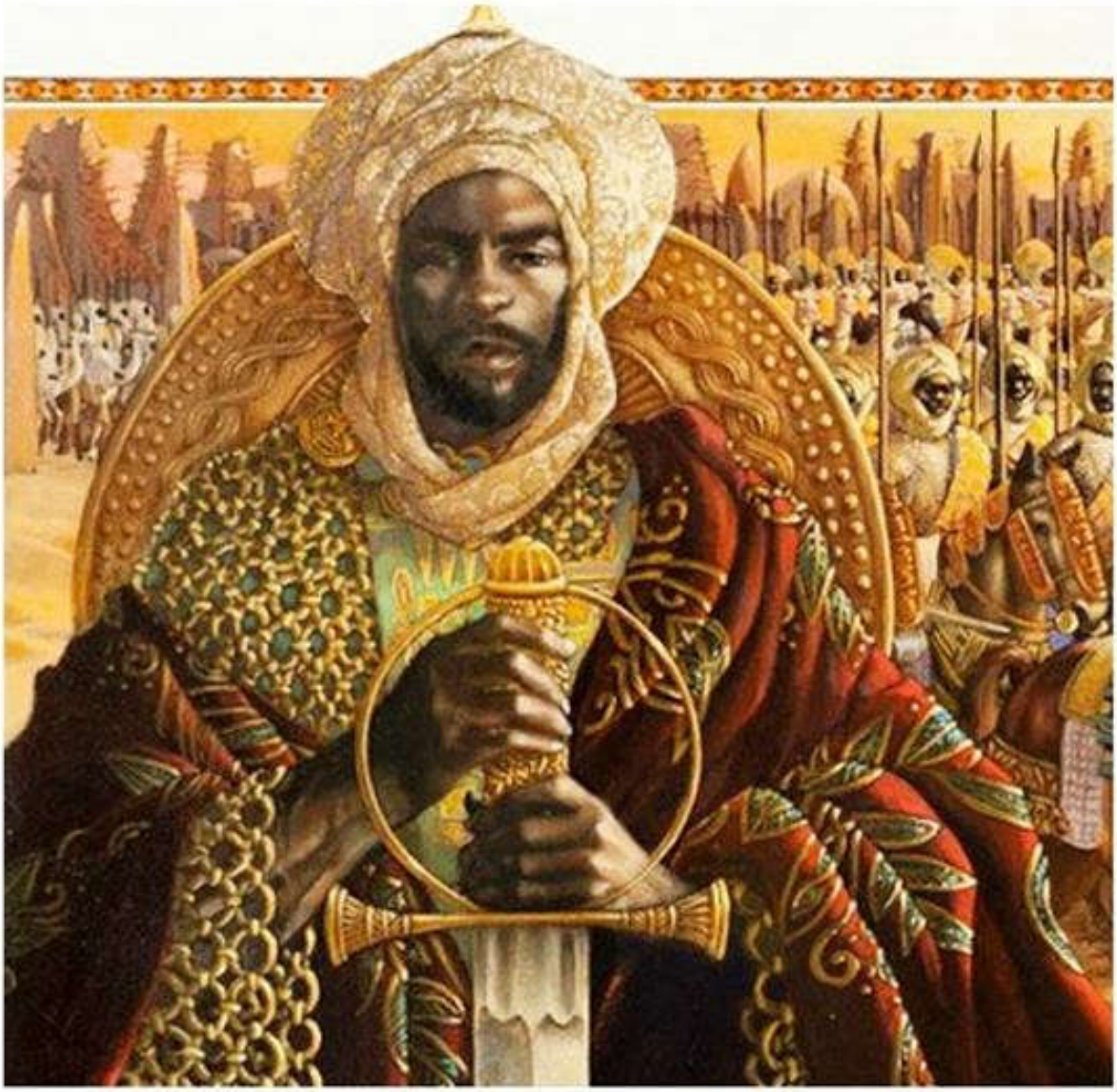
A resistência do Ndongo, encarnada especialmente por Njinga a Mbande, permitiu abrandar os projectos portugueses. Aquela mulher de poder apoiou-se não apenas na sua arte da guerra e da guerrilha, nas tácticas de espionagem, mas também nas suas grandes competências de negociadora.

Enviada como embaixadora a Luanda pelo seu irmão Ngola Mbande em 1622, Njinga consegue negociar a paz com o governador português. Depois da morte do irmão, Njinga toma o poder e opõe uma resistência feroz aos Portugueses até à morte em 1663.

Apesar das inúmeras tentativas para a capturar, Njinga consegue frustrar todos os complots. Depois da sua morte, a ocupação portuguesa acentua-se para o interior do continente com o objectivo de alimentar os balcões de recrutamento de tráfico de escravos. 7000 soldados do exército de Njinga serão enviados para o Brasil como escravos.

O mais rico de todos os tempos, segundo a Revista *Times*:

Mansa Musa (1280-1337)



Wikimedia Commons

➽ **Local:** Império Mali

➽ **Fortuna:** US$ 400 bilhões

O hajj, a peregrinação obrigatória para Meca, é visto como um momento de humildade, no qual as pessoas têm que usar vestes simples de algodão. Não para o homem mais rico da História, monarca do maior produtor de ouro do mundo. Musa partiu com uma comitiva de 60 mil pessoas, cada uma carregando 1,8 quilo de ouro, mais 80 camelos com até 126 quilos. Doando aos pobres e às mesquitas no caminho, jamais seria esquecido.

WANGARI MAATHAI E O MOVIMENTO DO CINTURÃO VERDE

Os parques Uhuru e Central explodem nas ruas de cimento de Nairóbi, quebrando o ritmo do cenário urbano e criando uma faixa verde que abre caminho entre os arranha-céus da capital. São mais de 100 hectares de área arborizada aberta ao público em uma região acessível a todos os moradores. Também não faltam árvores nos bairros que rodeiam o centro e nem nos que beiram os confins da cidade. Estar em Nairóbi é ter a sorte de acessar os desfrutes que um centro urbano oferece e ao mesmo tempo poder continuar em contato constante com a natureza. O mesmo se aplica a muitas outras cidades do Quênia. Mas alcançar esse nível de arborização não foi fácil. Tudo foi fruto da luta de uma mulher que vai ficar para sempre na história do país: Wangari Maathai.

Vencedora do Nobel da Paz em 2004 e consagrada como a primeira mulher africana a receber o prêmio, Maathai foi responsável pelo plantio de mais de 51 milhões de árvores no Quênia. A frente de seu tempo, ela desenvolveu modelos de projetos que hoje são considerados exemplares no mundo do desenvolvimento sustentável. É difícil achar conterrâneos que não tenham se inspirado no seu trabalho, que através da preservação ambiental também abraçava as causas sociais e políticas do país. Maathai faleceu em 2011, mas deixou como toda uma escola de pensamento traduzida na inovadora organização fundada por ela, o Movimento do Cinturão Verde (MCV).

FUNMILAYO RANSOME-KUTI

Funmilayo Ransome-Kuti (1900–1978) foi uma líder ativista durante as lutas anticoloniais na Nigéria.

Foi uma professora, política militante, ativista dos direitos das mulheres e aristocrata tradicional da Nigéria. Ela fundou a Associação das Mulheres de Abeokuta, uma das mais impressionantes organizações do século XX (com um número de mais de 20.000 mulheres como ativas participantes), que lutou para proteger e avançar na luta pelos direitos das mulheres na África e no mundo. Ela serviu com distinção como um dos líderes mais proeminentes de sua geração. Ela também foi a primeira mulher no país a dirigir um carro.

SUPER INTERESSANTE

Mulheres que mudaram a história: Cleópatra 7ª

Culta, inteligente, sedutora, ela governou o Egito por 21 anos. Fez de tudo para salvar seu país do controle de Roma. Por algum tempo, conseguiu

Por Tiago Cordeiro

© 4 jul 2018, 20h11 - Publicado em 1 mar 2018, 14h31

O que foi: Faraó

Onde viveu: Egito

Quando nasceu e morreu: 69 A.C.- 30 A.C.

Cleópatra 7ª é um nome obrigatório em qualquer lista de figuras femininas mais influentes da história. São 30 nesta edição, mas poderiam ser 20, dez ou mesmo cinco mulheres, e ainda assim ela teria que ser citada. O motivo é óbvio: a governante do Egito continua sendo influente, mais de 2 mil anos depois de sua morte.

Um único feito já a colocaria em qualquer ranking: no ano 46 a.C., a rainha de 23 anos entrou em Roma, recepcionada pelo ditador Júlio César, de 54 anos. Um cortejo com banda militar e animais exóticos a recepcionou, enquanto uma estátua de ouro representando a rainha estrangeira era colocada dentro do templo de Vênus, a deusa romana do amor. Era então a mulher mais poderosa que já havia existido. Chegar até ali tinha dado trabalho.

DOIS CASAMENTOS

Filha do faraó Ptolomeu 12, Cleópatra tinha 18 anos quando ele morreu. Deixou como testamento a ordem de que ela reinasse ao lado do irmão Ptolomeu 13, de 10 anos. A rainha seguiu a tradição e se casou com o irmão. Mas os tutores do garoto sabiam que o objetivo de Cleópatra era governar sozinha. Isolada, ela acabou no exílio. Podia ser o fim, se a rainha não tivesse conseguido se aproximar de Júlio César.

Egípcia por criação, grega e macedônia por descendência, ela falava nove idiomas. Era sofisticada e sedutora o suficiente para atrair o imperador. César estava em Alexandria e ela se fez apresentar escondida em um tapete: quando ele foi desenrolado aos pés do imperador, lá estava a rainha.

César ajudou Cleópatra a retomar o controle sobre Alexandria, a capital de seu país. Ela teve que se casar com outro irmão, Ptolomeu 14 (que morreria envenenado), mas agora era a única governante de fato.

O passo seguinte foi tentar salvar sua nação de se tornar uma simples colônia romana. A estadia como convidada do imperador romano funcionou bem para ela alcançar o objetivo, mas só por algum tempo. Quando César foi assassinado, ela voltou correndo para casa.

Um coletivo em busca da representatividade da mulher negra

PRETA-À-PORTER. Concepção e interpretação: Coletivo NEGA (Rita Roldan, Fernanda Rachel, Thuanny Paes, Michele Mafra, Franco, Sarah Motta e Alexandra G. Melo). Casa da Cultura Dide Brandão, Itajaí (SC), 2017.

Abdias do Nascimento
Diretor teatral, ator e dramaturgo. Foi um dos mais importantes artistas brasileiros que lutaram pela valorização da arte, história e cultura negras. Para isso, criou e dirigiu, em 1944, o Teatro Experimental do Negro, que tinha como objetivo incluir temas e corpos negros no ambiente de produção teatral do Rio de Janeiro.

O Coletivo NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes) foi criado em 2012, na cidade de Florianópolis (SC). Formado desde o princípio por afrodescendentes, o grupo tem o objetivo de promover reflexões a respeito da situação da mulher negra em nosso país, assim como pesquisar elementos da cultura de matriz africana. O nome, para o grupo, tem dois significados: "nega" remete tanto à palavra "negra" quanto à ideia de negação.

A proposta inicial do NEGA era a de fazer algo concreto em relação à pouca representatividade negra na universidade. Estudando as experiências estéticas propostas por **Abdias do Nascimento** (1914-2011) no Teatro Experimental do Negro, algumas estudantes de artes cênicas e de outros cursos se uniram ao grupo e criaram a *performance Preta-à-porter.*

Nessa *performance*, as integrantes do coletivo apresentam histórias e conflitos que vivenciaram, com o intuito de provocar reflexões, especificamente sobre o fato de serem mulheres e negras.

Reunindo elementos da dança, do canto, da percussão e do *rap*, as *performers* narram suas histórias, retratando os problemas derivados de questões raciais. Além disso, por se tratar de uma ação que se relaciona à modalidade artística da *performance*, as narrativas e os textos utilizados vão se modificando a cada apresentação, sempre abordando episódios recentes de violência envolvendo a população negra. Dessa maneira, o trabalho do Coletivo Nega tem um viés criativo que encara a arte como instrumento de intervenção política, como um modo de refletir e agir em relação a importantes e necessárias transformações sociais.

Nina Simone aos oito anos em Tryon, nos Estados Unidos. Fotografia de 1941.

Eunice Kathleen Waymon é o nome da musicista de quem falaremos aqui. Ela nasceu em 21 de fevereiro de 1933, na cidade de Tryon, na Carolina do Norte (Estados Unidos), filha de Mary K. Waymon, empregada doméstica e ministra de uma igreja metodista, e de John D. Waymon, marceneiro e autônomo na área de limpeza a seco. Na imagem acima, ela está com 8 anos de idade.

Desde pequena, ela demonstrou grande talento ao piano, acompanhando o coro de sua igreja. Ao perceber esse talento, os patrões de sua mãe se dispuseram a ajudar financeiramente com seus estudos musicais, e Nina começou então a fazer aulas com uma professora particular, que foi sua grande incentivadora.

Com aproximadamente 11 anos de idade, realizou seu primeiro recital. Na época, ainda vigoravam oficialmente em alguns estados políticas segregacionistas e, durante o recital, seus pais, negros, tiveram de ceder os lugares onde estavam sentados a pessoas brancas. Nina então disse que só voltaria a tocar se seus pais voltassem à primeira fila. Ela já manifestava, naquele momento, uma postura crítica e combativa em relação às desigualdades entre negros e brancos que marcaria sua carreira.

Nina Simone cantando em uma manifestação pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Fotografia de 1965.

Seguindo seus estudos de piano erudito, frequentou a renomada escola Juilliard, em Nova York, e, ao tentar obter uma vaga no Instituto Curtis de Música, na Filadélfia, foi recusada por discriminação racial. Isso abalou suas expectativas de ser a primeira pianista clássica negra dos Estados Unidos, mas não a impediu de continuar tocando e cantando. Pelo contrário, para se manter e custear suas aulas de piano, começou a tocar e a cantar em bares. Foi a partir de então que se tornou conhecida como pianista e cantora de *jazz* com o nome artístico que escolheu: Nina Simone. Simone por causa do nome de uma atriz que admirava, e Nina porque era o apelido carinhoso que ganhou de um namorado.

Após o assassinato de um ativista político negro, e dias depois de quatro crianças negras serem mortas em um atentado racista a uma igreja, o sentimento de Nina sobre o que era ser mulher negra em seu país mudou definitivamente. Sua música não tinha mais como ser a mesma. A partir daquele momento,

Nina Simone se apresentando no Newport Jazz Festival, em Rhode Island, Estados Unidos, em 1970.

Eu não tenho – eu tenho vida

Eu não tenho casa, não tenho sapatos
Não tenho dinheiro, não tenho classe
Não tenho saias, não tenho casaco
Não tenho perfume, não tenho barba
Não tenho mente.

Não tenho mãe, não tenho cultura
Não tenho amigos, não tenho escolaridade
Não tenho amor, não tenho nome
Não tenho ingresso, não tenho ficha
Não tenho Deus.

[...]

Eu tenho meu cabelo, tenho minha cabeça
Eu tenho meu cérebro, tenho meus ouvidos
Eu tenho meus olhos, tenho meu nariz
Eu tenho minha boca, tenho meu sorriso.

[...]

Eu tenho meus braços, tenho minhas mãos
Eu tenho meus dedos, tenho minhas pernas
Eu tenho meus pés, tenho meus dedos
Eu tenho meu fígado, tenho meu sangue.

Eu tenho vida, eu tenho minha liberdade
Eu tenho uma vida, eu tenho uma vida e eu vou mantê-la
Eu tenho uma vida, e ninguém vai tirá-la
Eu tenho uma vida.

DERMOT, G. M.; RAGNI, G.; RADO, J. Ain't got no I got life. Intérprete: Nina Simone. In: NINA SIMONE *'Nuff said!* [S.l.]: RCA Victor, p1968. 1 disco sonoro. Faixa 1. [Trechos traduzidos pelos autores desta obra.]

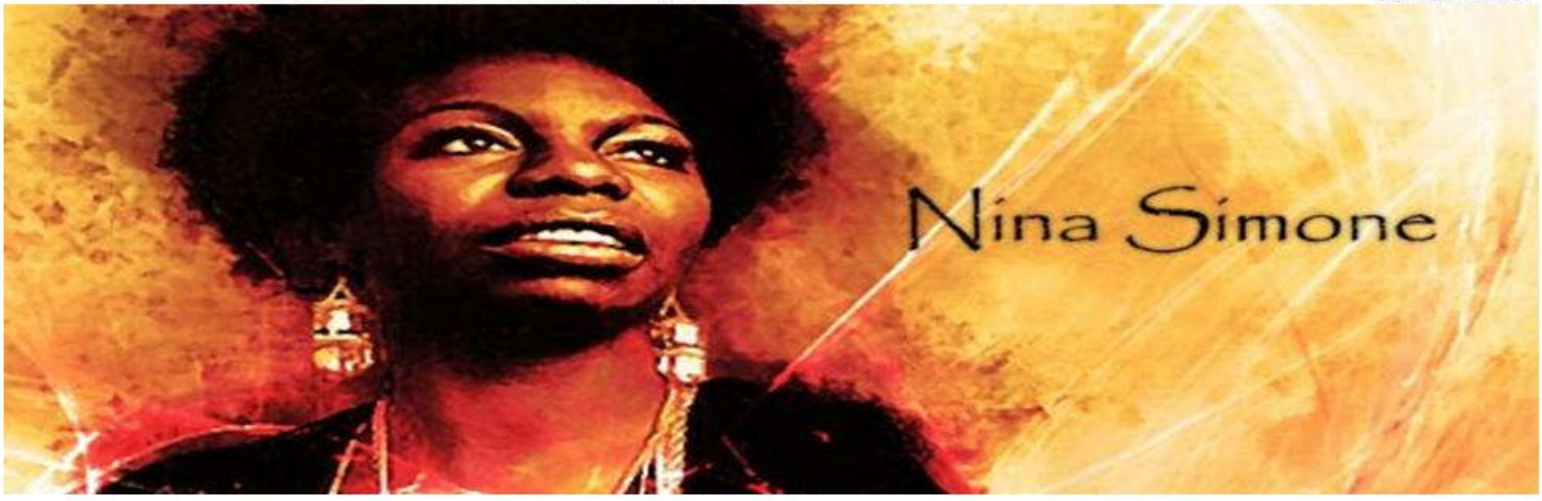
Eu gostaria de saber como é a sensação de ser livre

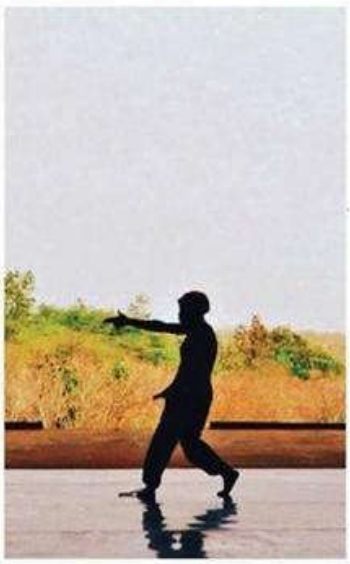
Eu gostaria de saber
como é a sensação de ser livre
Eu gostaria de poder quebrar
todas as correntes que me prendem
Eu gostaria de poder dizer
todas as coisas que eu gostaria de dizer
Dizer em alto e bom som
para o mundo todo ouvir
Eu gostaria de poder compartilhar
todo amor que há em meu coração
Remover todas as barreiras
que nos mantêm separados
Eu gostaria que você soubesse
o que significa ser quem eu sou
Então você veria e concordaria
que todo homem deveria ser livre

Eu gostaria de poder dar
tudo que eu posso dar
Eu gostaria de poder viver
tudo que eu posso viver
Eu gostaria de poder fazer
todas as coisas que eu posso fazer
E quando eu chegasse no limite
começaria tudo de novo

Bem, eu gostaria de poder ser
como um pássaro no céu
Quão doce seria
se eu descobrisse que posso voar
Oh, eu voaria alto até o sol
e olharia lá embaixo para o mar
Então cantaria porque eu sei
Então cantaria porque eu sei
Então cantaria porque eu sei
Eu saberia como é a sensação
Oh, eu saberia como é se sentir livre
Oh, eu saberia como é a sensação
Sim, eu saberia
Oh, eu saberia
Como é a sensação
Como é a sensação
De ser livre

DALLAS, D.; TAYLOR, B. I wish I knew how it would feel to be free. Intérprete: Nina Simone. In: NINA SIMONE. *Silk & soul*. [S.l.]: BMG Music, p2006. 1 CD. Faixa 6. [Traduzida pelos autores desta obra.]



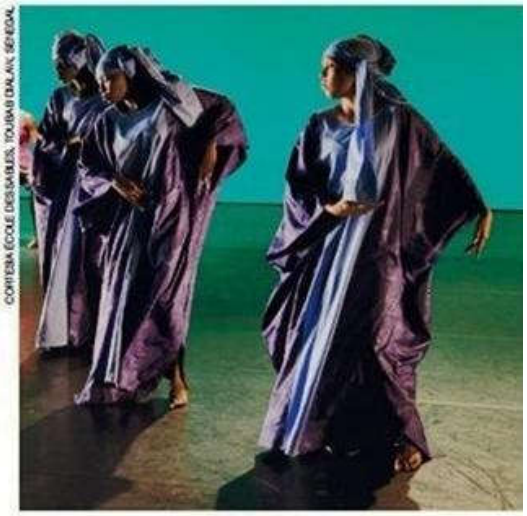


Duas diferentes salas de aula na École des Sables [Escola de Areia, em tradução livre], em Toubab Dialaw, Senegal. Fotografias de 2015.

A criação de uma companhia feminina tinha como objetivo refletir sobre a condição das mulheres na sociedade senegalesa e dar suporte e formação para que mais coreógrafas e bailarinas pudessem se tornar profissionais da dança no país.

A experiência de vida nas cidades e o trabalho de dança desenvolvido em diferentes tipos de chão constroem o gesto, o movimento de cada bailarina e estão presentes nos trabalhos da companhia.

No espetáculo *Afro-Dites/Kaddu Jigeen!* (2012) – criado por Germaine Acogny e seu filho Patrick Acogny, também coreógrafo e bailarino – as dançarinas contam e mostram a vida de mulheres no Senegal.



AFRO-DITES/Kaddu Jigeen!. Coreografia: Germaine Acogny e Patrick Acogny. Interpretação: Jant-Bi Jigeen. Dacar, Senegal, 2012.

Ao expor aspectos da cultura senegalesa urbana atual, o trabalho aborda temas comuns a todas as sociedades – como o amor, a diversão e o senso de humor – e apresenta um olhar crítico sobre as contradições entre os costumes tradicionais e a vida moderna.

Ao conhecer espetáculos como *A mesa verde*, *A sagração da primavera* e *Afro-Dites/Kaddu Jigeen!*, é possível identificar temas que formam parte dos contextos em que foram criados.

AFRO-DITES/Kaddu Jigeen!. Coreografia: Germaine Acogny e Patrick Acogny. Interpretação: Jant-Bi Jigeen. Dacar, Senegal, 2012.

Hamada Ben-Armor – codinome El General: o rapper africano que aos 21 anos ficou conhecido por derrubar ditadores

... El Général encontrou uma maneira de subir para a internet outro rap, "Tunísia nosso país", e no dia 6 de janeiro deste ano foi preso, passou três dias sendo interrogado pela polícia, e a reação popular foi tão forte que a polícia teve que soltá-lo. Nascia uma estrela, um herói nacional que logo virou internacional: seus raps foram cantados pelas massas da praça Tahrir, no Cairo, e hoje podem ser ouvidos em manifestações na Síria ou na Líbia. Poucas vezes outras músicas — a "Marselhesa"? a "Internacional"? — tiveram tanta importância política.

Substantivo pural, 08 e abril de 2011.

As revoluções do Oriente Médio também tiveram a sua Marselhesa: um rap. Um rap que embalou a multidão a pegar em armas, formar batalhões e derrubar governos. A obra é de um tunisiano de 21 anos, o rapper Hamada Ben-Armor – codinome El General (já que todo rapper tem nome vulgo: Mano Brown, Tupac, Jay Z, Notorious B.I.G...).

Adaptado de ***Revista Super Interessante***, Publicado em 1 maio 2011.

Trechos

Presidente, o seu país

Sr. Presidente, tem gente morrendo de fome. Pessoas viraram animais. Vejo a polícia vindo, com os cassetetes. A Constituição foi dissolvida em água. Então beba. Ouço acusações inventadas. Os lacaios do governo sabem a verdade. Vejo a serpente que ataca as mulheres. Você aceitaria isso se fosse a sua filha?

Você me disse para falar sem medo, mas sei que vou apanhar por isso.
Até quando a Tunísia vai viver no mundo dos sonhos?

AFRICANOS VENCEDORES DO PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

Wole Soyinka nasceu na Nigéria em 1934. A sua posição crítica diante dos acontecimentos políticos do seu país fizeram com que ele fosse preso por duas vezes. Considerado por muitos o melhor dramaturgo africano, ele venceu o Nobel da Literatura em 1986. Foi a primeira vez que um escritor africano recebia o prêmio. Soyinka, além de escrever para o teatro, também é poeta, romancista, novelista e ensaísta.

Wole Soyinka – Credit: Tunde Owolabi Studios

Nascido no Egito, em 1911, **Naguib Mahfouz**, tem como inspiração para suas obras a sua terra, população, costumes e história. Ambientadas em lugares diversos como o Cairo, suas obras mostram uma visão otimista do homem e descreve a procura dos valores humanos. Falecido em 2006, Mahfouz recebeu o Nobel de Literatura em 1988, como reconhecimento por ser um defensor dos direitos humanos.

A sul-africana **Nadine Gordimer**, falecida em 2014, recebeu o Prêmio Nobel da Literatura em 1991. Desde seu romance de estreia, *The Lying Days* (1953), até *The Conservationist* (1974), Gordimer, a autora de mais de 30 obras, procurou refletir as difíceis escolhas morais numa sociedade marcada pela segregação racial usando o seu ativismo contra o apartheid.

Nascido na Cidade do Cabo, África do Sul, em 1940, J. M. Coetzee começou a carreira literária no campo da ficção em 1969, mas o seu primeiro livro, *Dusklands*, só foi publicado na África do Sul em 1974. Autor de mais de 20 livros, ele recebeu vários prêmios antes do Nobel de Literatura de 2003 como o Booker Prize por duas vezes: primeiro por *Life & Times of Michael K* em 1983 e por *Desonra*, em 1999.

4 AFRICANOS VENCEDORES DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ

Albert Lutuli – Foto: achievement.org

Quatro deles são da África do Sul e passaram muitos anos de suas vidas lutando contra o apartheid, regime de segregação que dividiu o país de 1948 a 1994. Na luta pelos direitos humanos, três mulheres (duas liberianas e uma queniana) também foram contempladas.

O primeiro africano a ganhar o Prêmio Nobel da Paz foi Albert Lutuli (1898-1967). Inspirado em Mahatma Gandhi, tornou-se o porta-voz da campanha de desobediência civil contra a política de segregação de seu país. Lutuli nasceu na Rodésia do Sul, atual Zimbábue, mas adquiriu a nacionalidade sul-africana. Por sugerir um dia nacional de lamentação pelo Massacre de Sharpeville (março de 1960) e haver queimado publicamente o passe obrigatório (que os negros usavam), num gesto simbólico de desobediência civil às leis segregacionistas, Lutuli foi condenado, em 1960, a seis meses de prisão. Mesmo sofrendo pena de restrição, foi autorizado a sair do país para que, em dezembro de 1961, fosse até Oslo receber o Prêmio Nobel da Paz.

Em 1984, foi a vez do sul-africano Desmond Tutu, o primeiro negro a ocupar o cargo de Arcebispo da Cidade do Cabo. Após ser nomeado bispo, dirigiu a diocese de Lesoto (país vizinho) de 1976 a 1978, ano em que se tornou secretário-geral do Conselho das Igrejas da África do Sul. Sua proposta para a sociedade sul-africana incluía direitos civis iguais para todos; abolição das leis que limitavam a circulação dos negros; um sistema educacional comum e o fim das deportações forçadas de negros. Sua firme posição anti-apartheid – a política oficial de segregação racial – lhe garantiu, em 1984, o Nobel da Paz.

Desmond-Tutu – ONU

Nelson Mandela e Frederick de Klerk – Wikipedia

Em 1993, dois sul-africanos dividiram o Nobel da Paz. **Nelson Mandela** foi o presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado o mais importante líder da África Negra. Até 2009, ele havia dedicado 67 anos de sua vida a serviço da humanidade. Foi o mais poderoso símbolo da luta contra o regime segregacionista do apartheid.

Frederik Willem de Klerk foi o último branco a ser presidente da África do Sul. De Klerk é conhecido por fazer a transição do apartheid para a era democrática, permitindo à maioria negra direitos civis iguais aos brancos. Em 1994, Nelson Mandela se tornou o presidente do país e, de Klerk, o vice. Três anos depois, De Klerk abandonou a vida política.

3 AFRICANAS VENCEDORAS DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ

Wangari Mathai – Foto: Unep.org

Em 2004, Wangari Maathai (01/04/1940 – 25/09/2011) foi a primeira africana a ganhar um Nobel da Paz. Ela nasceu no distrito de Nyeri, na Província Central do Quênia, e ficou conhecida pela sua luta de conservação das florestas e do meio ambiente. Ainda na década de 1970, fundou o movimento do Cinturão Verde Pan-africano (*Pan-African Green Belt Network*), no Quênia, uma iniciativa que plantou 30 milhões de árvores.

Em 2011, três mulheres dividiram o Nobel da Paz. Tawakkol Karman (Iêmen) e as liberianas Ellen Johnson Sirleaf e Leymah Gbowee. **Ellen Johnson Sirleaf** foi a vencedora das eleições presidenciais de 8 de novembro de 2005 e reeleita em 2011. Líder do Partido da Unidade (*Unity Party*), foi a primeira mulher chefe de estado de um país africano (Carmen Pereira foi a primeira mulher a presidir um pais africano, com um mandato interino na Guiné-Bissau, de 14 a 16 de maio de 1984). Ellen defende que todas as mulheres maltratadas lutem pela liberdade.

Ellen Johnson-Sirleaf

Leymah Gbowee é uma ativista africana que foi encarregada de organizar o movimento de paz que colocou fim à Segunda Guerra Civil da Libéria, em 2003. Gbowee nasceu na zona central da Libéria e, aos 17 anos, se mudou para Monróvia, a capital, quando a Segunda Guerra Civil explodiu. Formou-se terapeuta durante a guerra civil e trabalhou com crianças que foram meninos-soldados do exército de Charles Taylor, o ex-presidente. Rodeada pelas imagens da guerra, Gbowee se deu conta de que "se qualquer mudança tivesse que acontecer na sociedade, isso teria que ser feito pelas mães".

Leymah Gbowee – Foto: Global Citizen

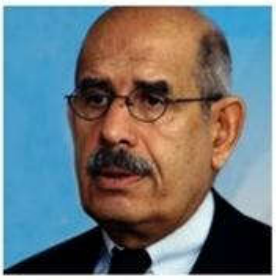
4 AFRICANOS VENCEDORES DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ

uhammad Anwar Al Sadat – wikipedia

Falecido em 1981, **Muhammad Anwar Al Sadat** foi um militar e político egípcio, presidente do país de 1970 a 1981. Foi prisioneiro dos britânicos por ser agente alemão em 1942, e novamente, em (1946), por atos terroristas.

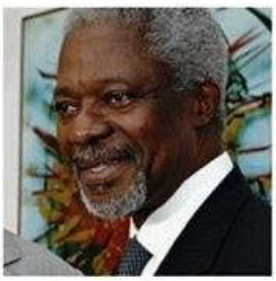
Participou do golpe de 1952, que derrubou o rei Farouk e que levou Nasser ao poder. Sucedeu a Nasser como presidente do Egito (1970-1981). Em 1972, dispensou a missão soviética em seu país e, em 1974, após perder militarmente a guerra de Iom Kippur (1973), recuperou, no acordo de separação de forças, o canal de Suez das mãos de Israel. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1978 junto com Menachem Begin, nascido na Bielorússia.

Mohamed ElBaradei é um diplomata egípcio, antigo diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). ElBaradei licenciou-se em direito pela Universidade do Cairo em 1962 e doutorou-se em Direito Internacional pela Universidade de Nova Iorque em 1974. Iniciou a sua carreira no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Egipto em 1964, tendo exercido funções na missão permanente do Egipto na ONU em Nova Iorque e em Genebra. Entre 1981 e 1987 foi professor, Foi premiado com o Nobel da Paz de 2005, juntamente com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

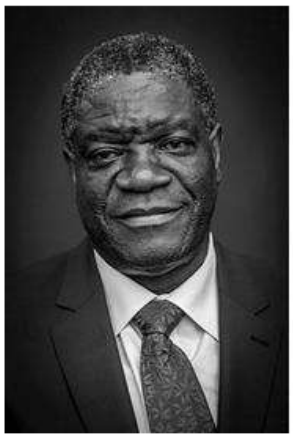


Mohamed El Baradei – Wikipedia

Kofi Atta Annan é um diplomata de Gana. Foi, entre 1 de janeiro de 1997 e 1 de janeiro de 2007, o sétimo secretário-geral da Organização das Nações Unidas. Annan e as Nações Unidas foram co-receptores do Prêmio Nobel da Paz de 2001 pela criação do Fundo Global de Luta contra Aids, Tuberculose e Malária para ajudar países em desenvolvimento em seus esforços para cuidar de seu povo.



Kofi Annan – Wikipedia



O Prêmio Nobel da Paz de **2018** foi dado a **Denis Mukwege**, ginecologista que ajuda as vítimas de violência sexual na República Democrática do Congo (RDC) e **Nadia Murad**, ativista iraquiana dos direitos dos yazidis. No leste da República Democrática do Congo, um ginecologista congolês luta pela sobrevivência de mulheres vítimas de violência sexual. No total, em 15 anos, cerca de 40 mil mulheres já foram operadas e tratadas pela equipe de Denis Mukwege. Em Bukavu, o estupro é uma arma de guerra que destrói família, comunidade, dignidade. Denis Mukwege atende mulheres violentadas que tiveram que passar por reconstituição do sistema reprodutor para que pudessem sobreviver. Por conta do seu trabalho, ele se tornou o maior especialista em danos provocados por violações, chegando a trabalhar mais de 18 horas por dia fazendo mais de 10 cirurgias.

DRIIK
BARBOSA
"TEMPO DAS MULHER FRUTA, EU VIM MENINA VENENO"
CANTORA
E COMPOSITORA
INDEPENDENTE
DE RAP
E R&B
Adobe Spark

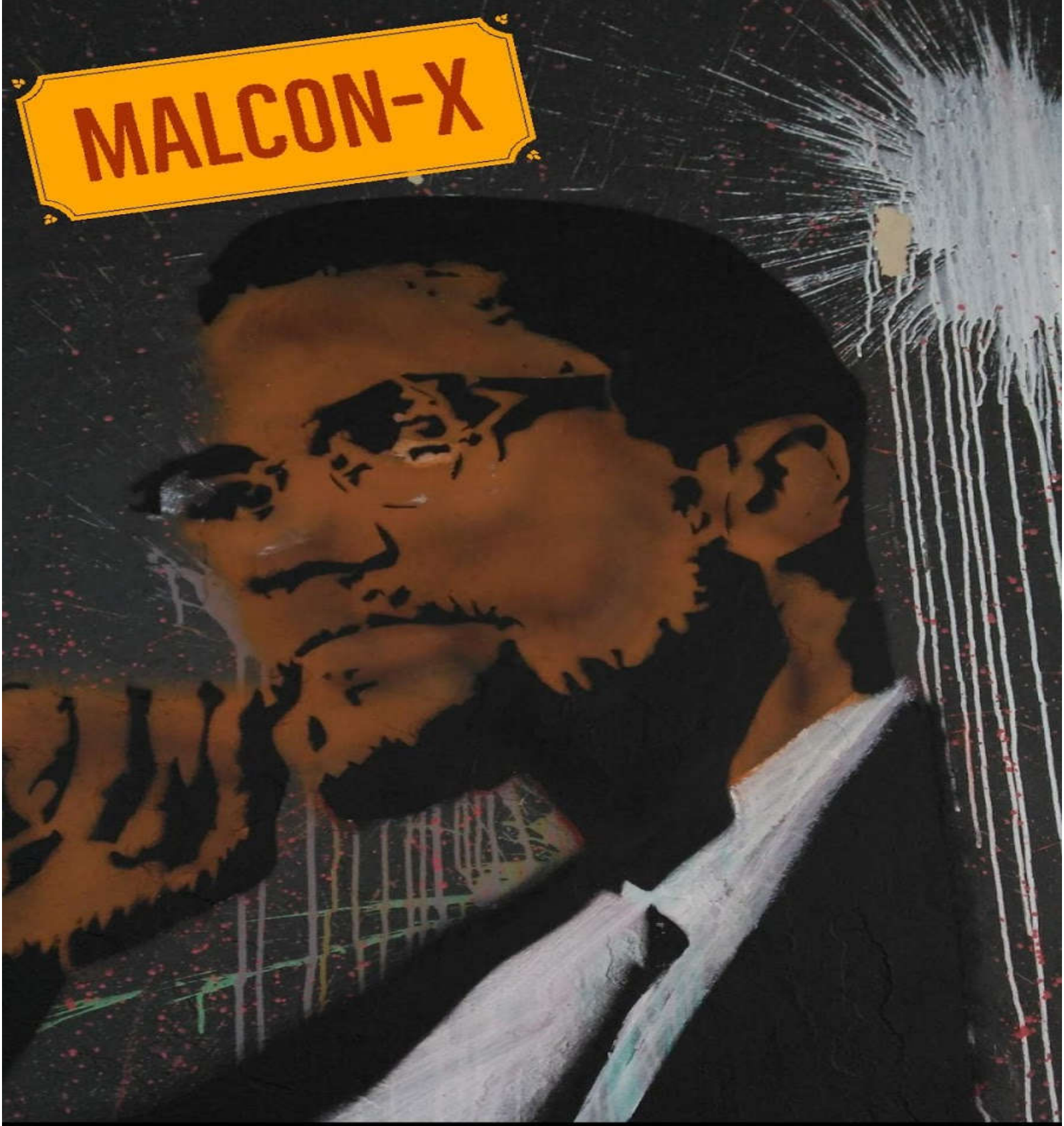
ELZA SOARES

Foi eleita

A MAIOR CANTORA DO SÉCULO XX

Sp Adobe Spark

MALCON-X

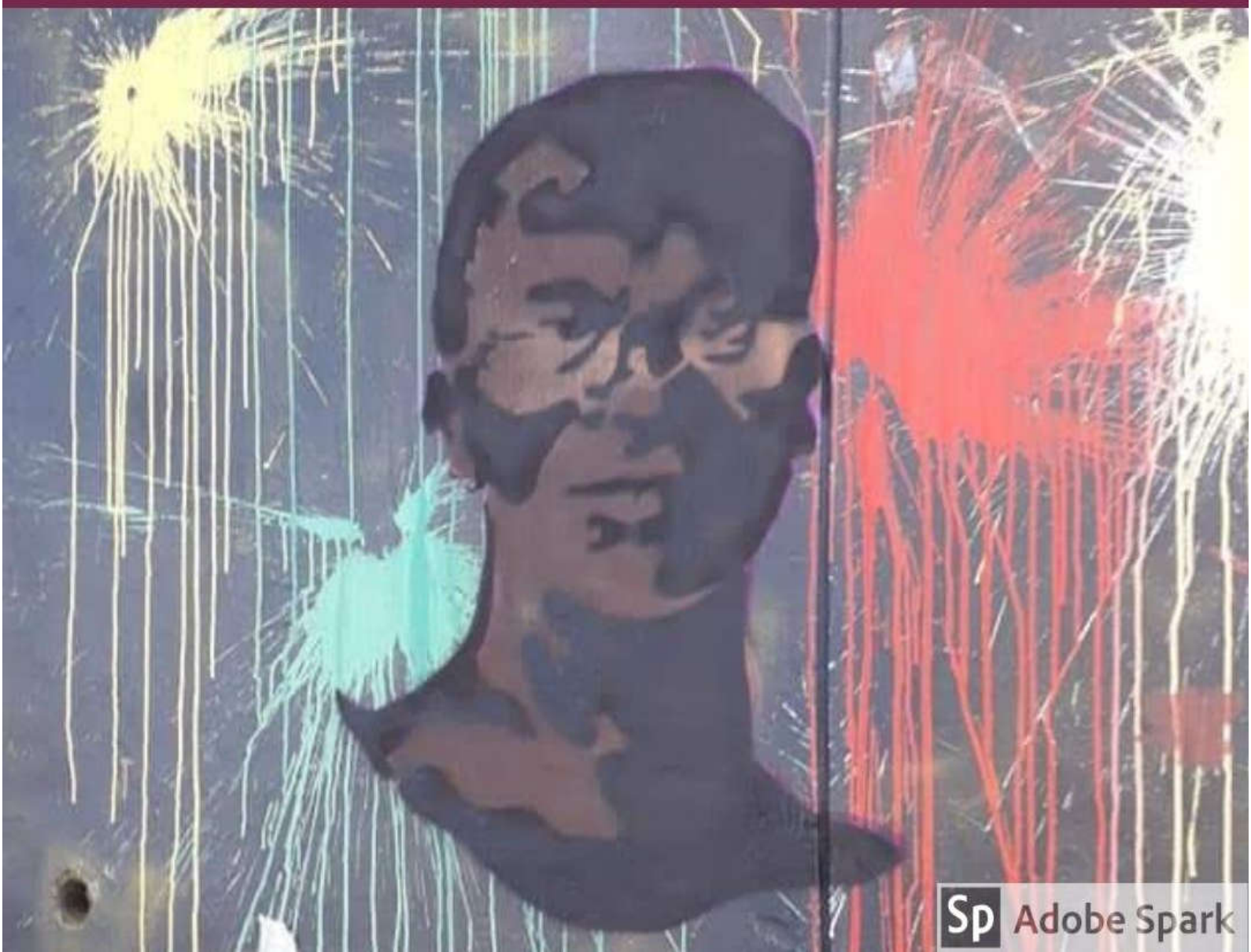


Al Hajj Malik Al-Shabazz, mais conhecido comoMalcolm X (Omaha, 19 de maio de 1925 – Nova Iorque, 21 de fevereiro de 1965), foi um dos maiores defensores do Nacionalismo Negro nos Estados Unidos. Fundou a Organização para a Unidade Afro-Americana, de inspiração separatista.

Adobe Spark

ZUMBI DOS PALMARES

Foi um líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial. Zumbi nasceu na então Capitania de Pernambuco, em região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no estado de Alagoas.



Adobe Spark

ANGELA DAVIS - EXPOENTE DO FEMINISMO NEGRO E DO MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS.

'SE PRECISÁSSEMOS IR AO BANHEIRO OU QUISÉSSEMOS UM COPO DE ÁGUA, TÍNHAMOS DE PROCURAR O CARTAZ COM A INSCRIÇÃO 'DE COR'. A MAIORIA DAS CRIANÇAS NEGRAS DO SUL DA MINHA GERAÇÃO APRENDEU A LER AS PALAVRAS 'DE COR' MUITO ANTES DE APRENDER O ABECEDÁRIO.'

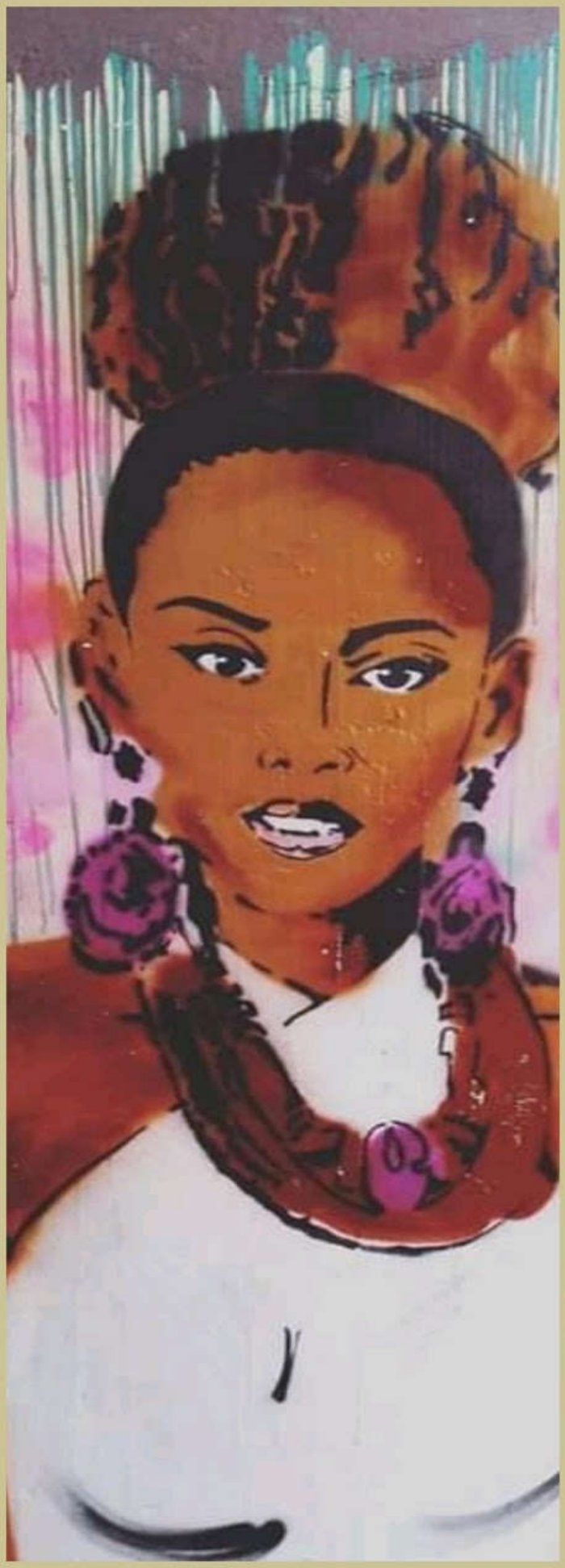
ANGELA DAVIS TRECHO DA AUTOBIOGRAFIA

Sp Adobe Spark

CANTORA E ATIVISTA

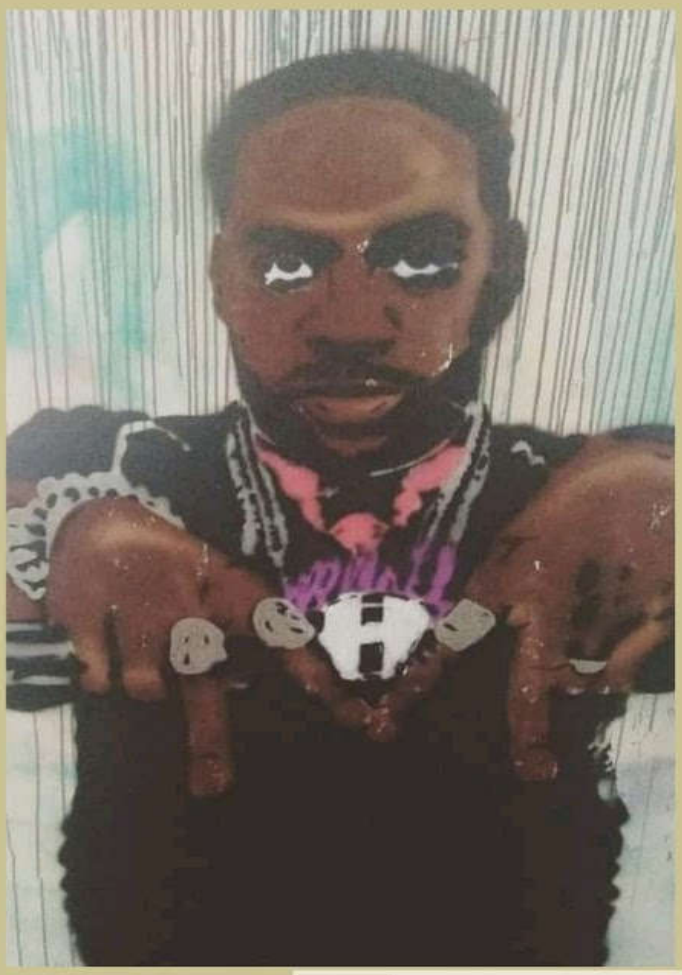
NINA SIMONE

Adobe Spark



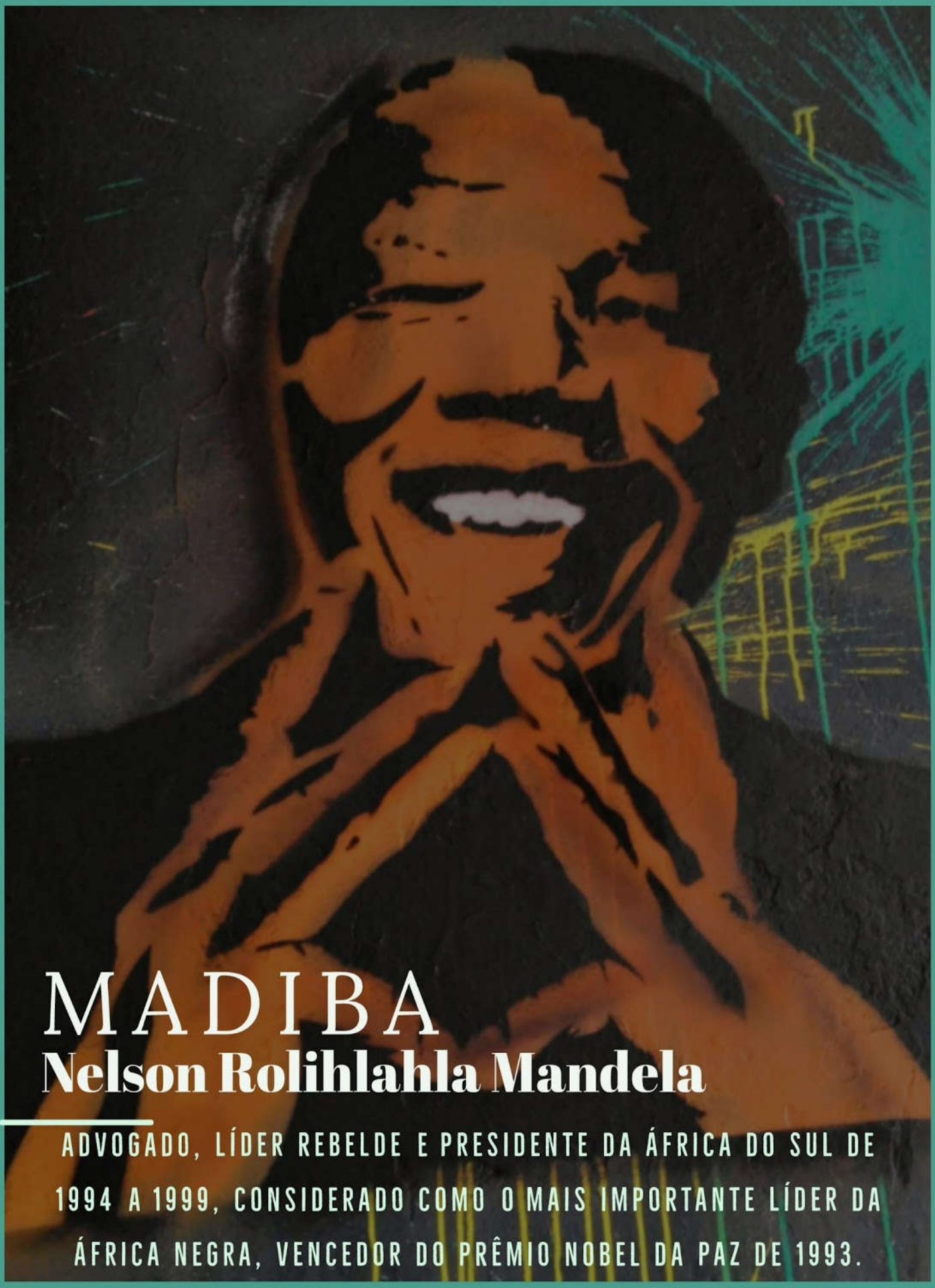
TAÍS ARAÚJO E LÁZARO RAMOS ESTÃO ENTRE OS MAIS INFLUENTES DO MUNDO

Os atores Taís Araújo e Lázaro Ramos receberam no 26 de setembro de 2017 o prêmio Most Influential People of African Descent, da ONU, em Nova York. O honraria reconhece as personalidades afrodescendentes influentes com menos de 40 anos.



Adobe Spark

Sp Adobe Spark



MADIBA

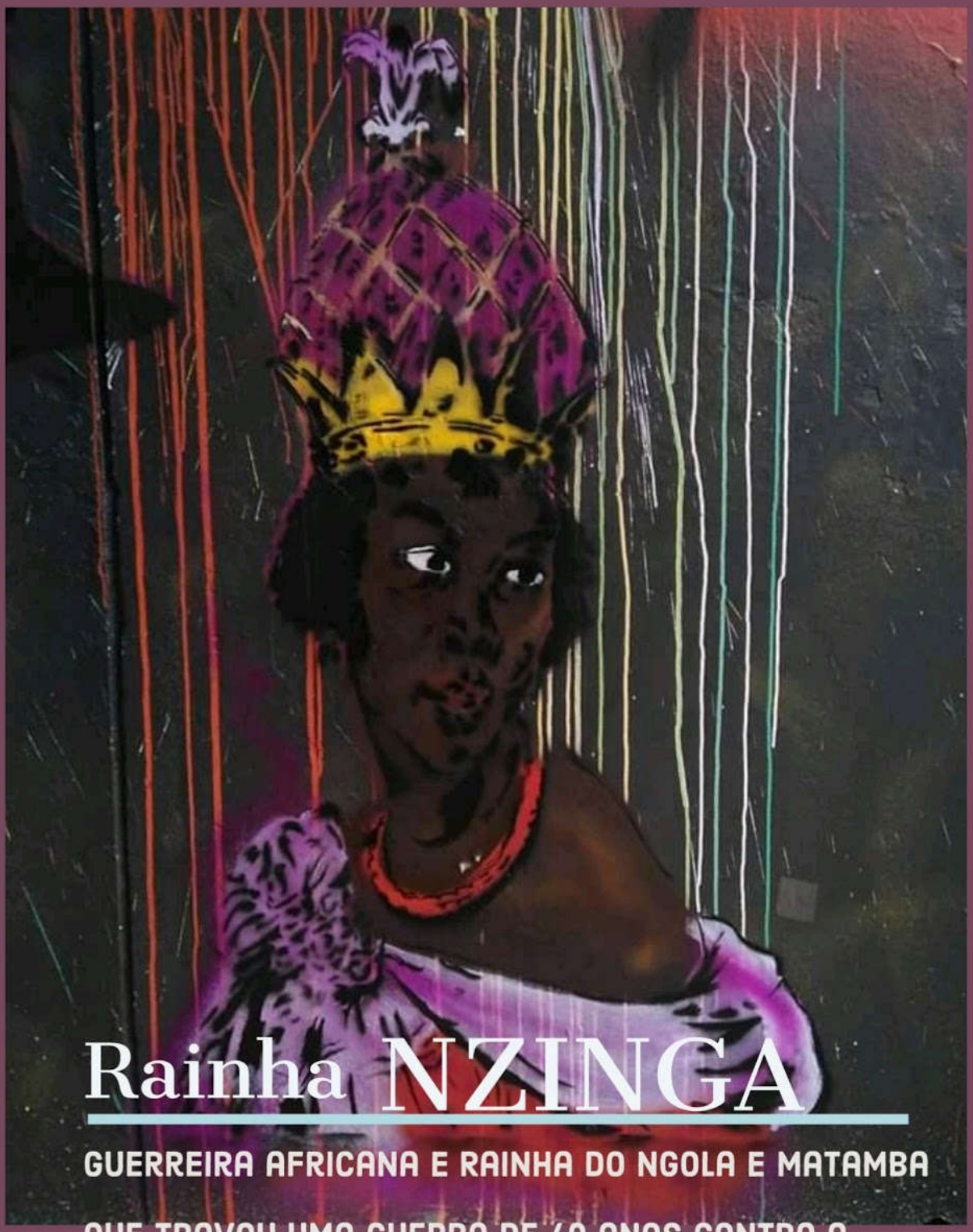
Nelson Rolihlahla Mandela

ADVOGADO, LÍDER REBELDE E PRESIDENTE DA ÁFRICA DO SUL DE 1994 A 1999, CONSIDERADO COMO O MAIS IMPORTANTE LÍDER DA ÁFRICA NEGRA, VENCEDOR DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ DE 1993.

Sp Adobe Spark

NZINGA MBANDE CAKOMBE

(C. 1583 – REINO DA MATAMBA, 17 DE DEZEMBRO DE 1663)



GUERREIRA AFRICANA E RAINHA DO NGOLA E MATAMBA QUE TRAVOU UMA GUERRA DE 40 ANOS CONTRA A PRESENÇA PORTUGUESA NO SEU TERRITÓRIO.

Adobe Spark

Leia e reflita

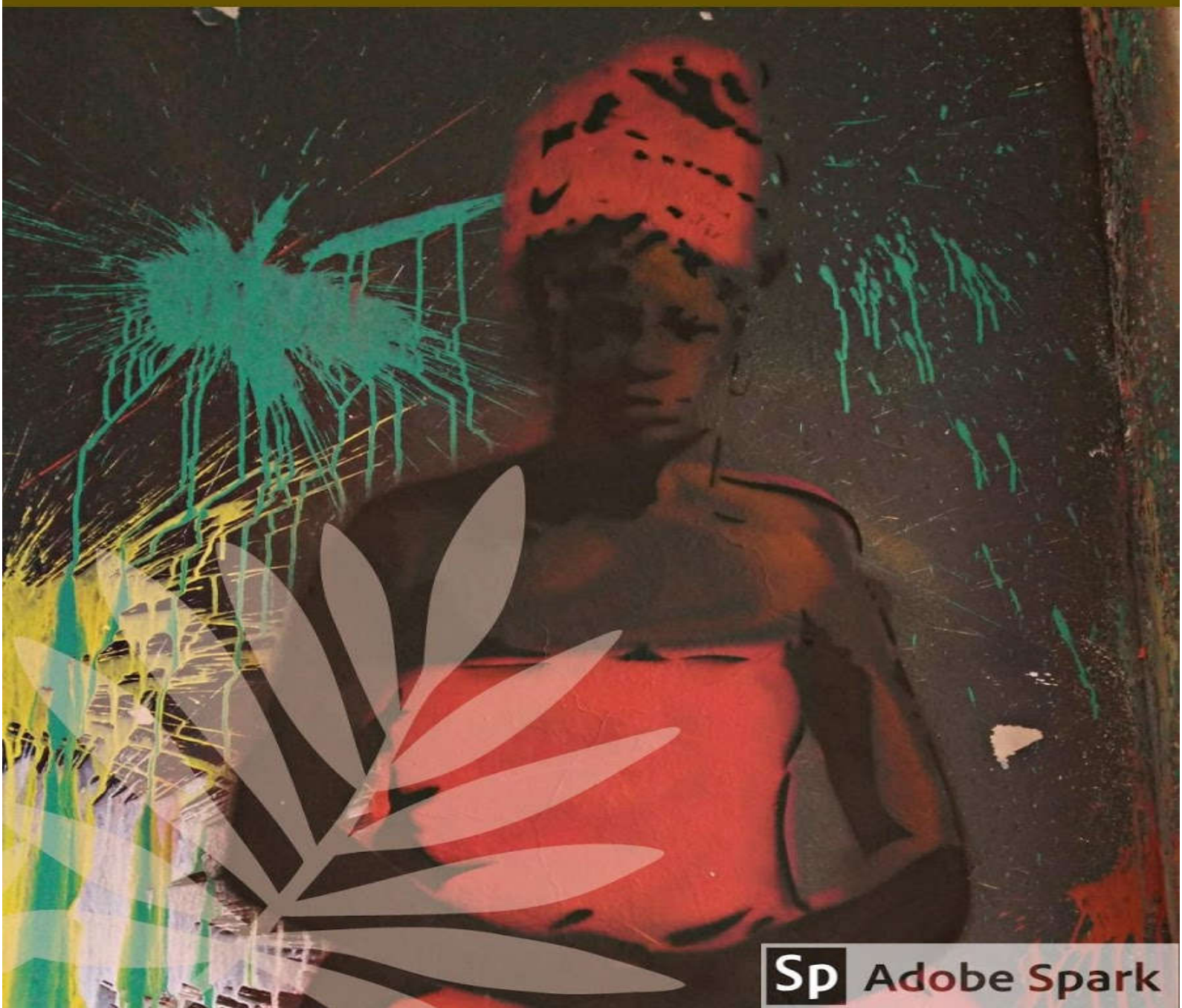
MARIA CAROLINA DE JESUS

Poetisa e símbolo de resistência

Adobe Spark

TERESA DE BENGUELA

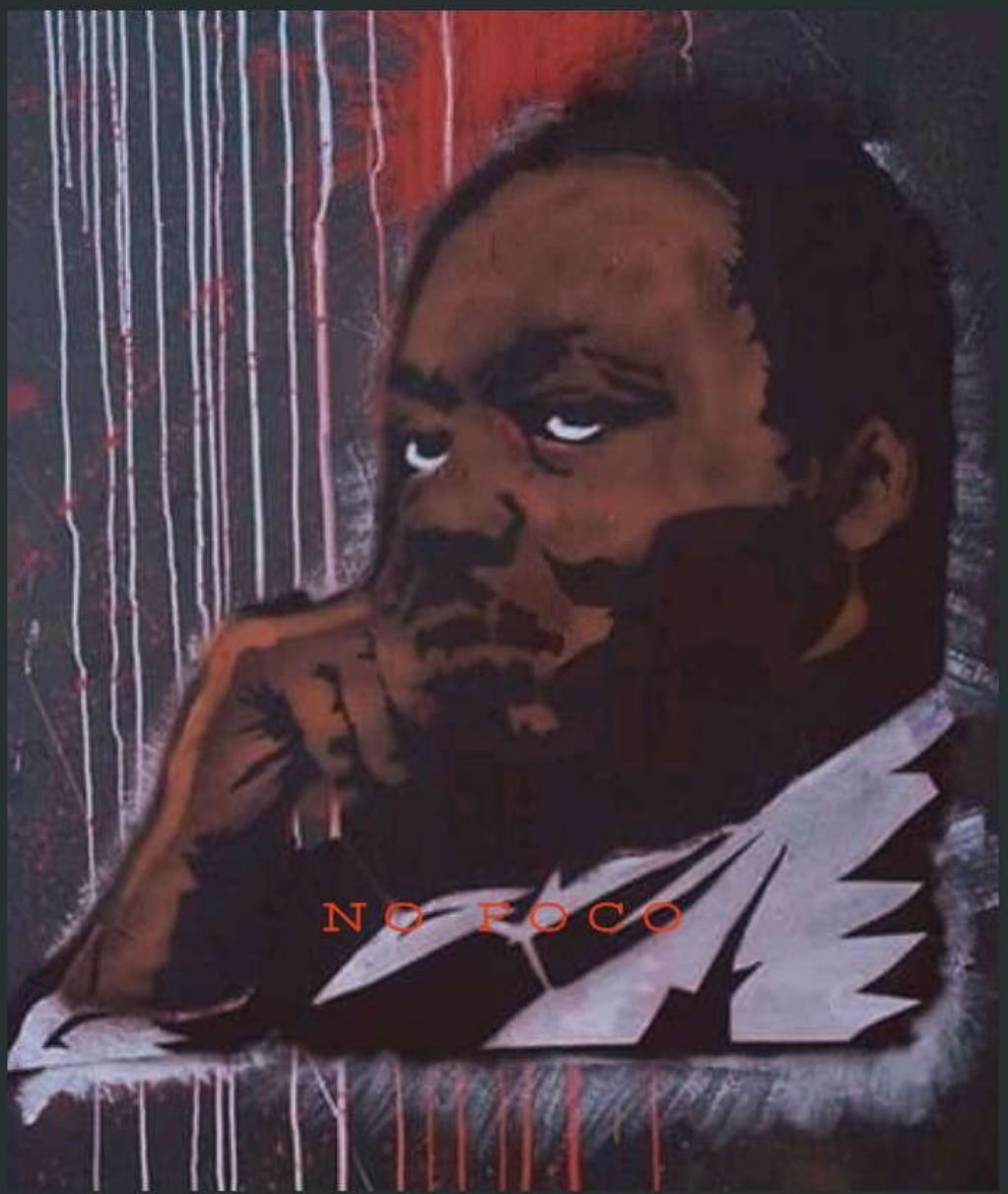
LÍDER QUILOMBOLA QUE VIVEU NO ATUAL ESTADO DE MATO GROSSO, NO BRASIL, DURANTE O SÉCULO XVIII



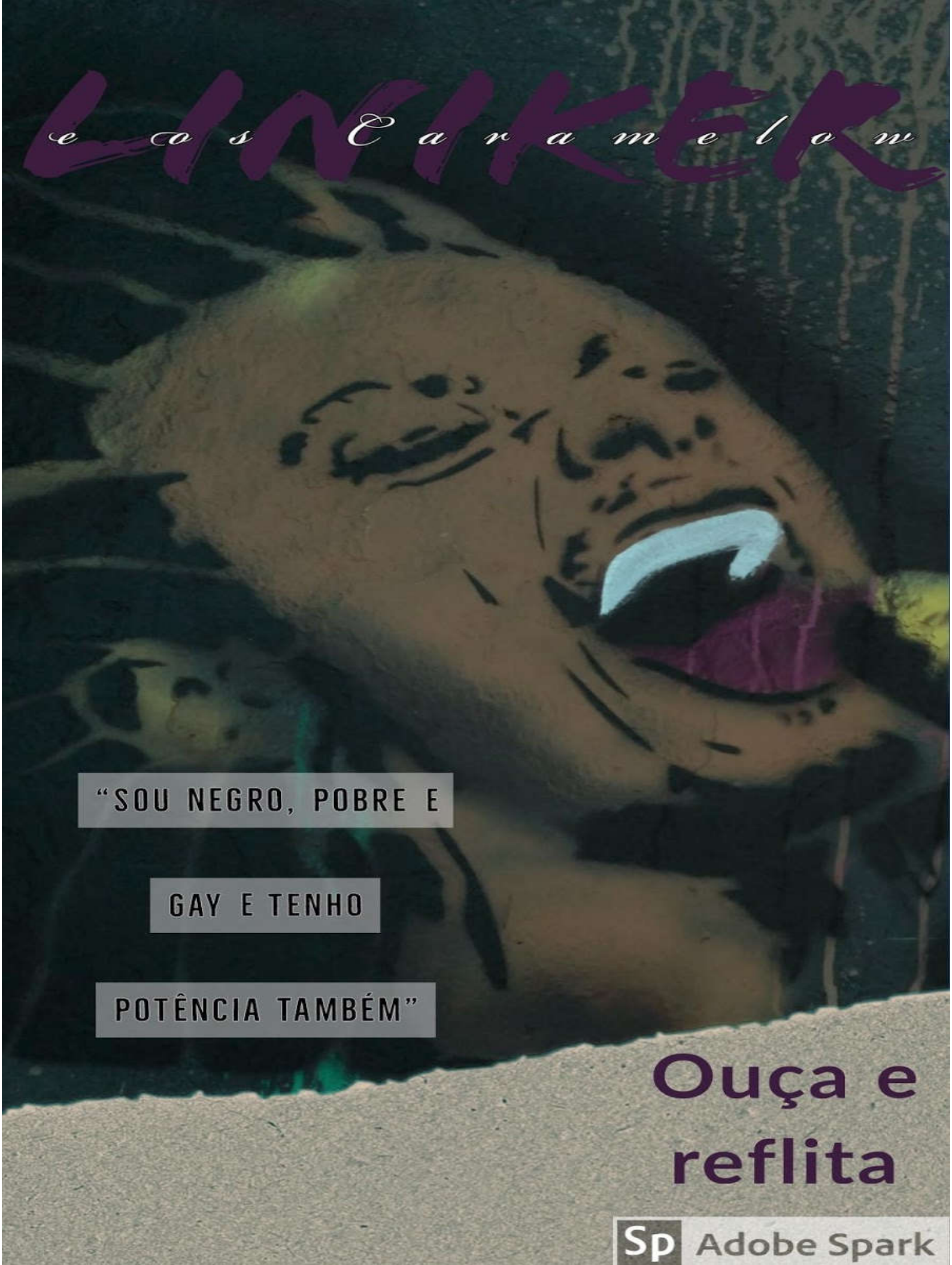
Sp Adobe Spark

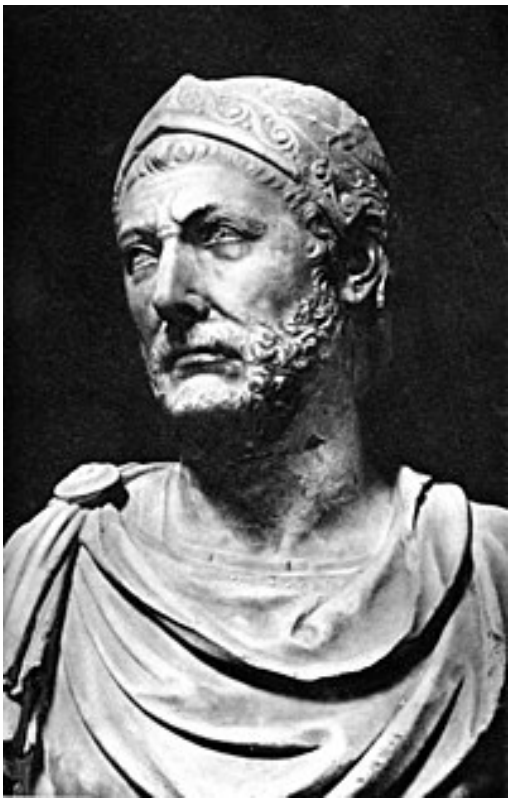
MARTIN LUTHER KING JR.

TORNOU-SE UM DOS MAIS IMPORTANTES LÍDERES DO MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS DOS NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS, E NO MUNDO, COM UMA CAMPANHA DE NÃO VIOLÊNCIA E DE AMOR AO PRÓXIMO.



Sp Adobe Spark


LINKER
e os Caramelow
"SOU NEGRO, POBRE E
GAY E TENHO
POTÊNCIA TAMBÉM"
Ouça e
reflita
Sp Adobe Spark



ANÍBAL

Aníbal Barca (247-183 AEC), conhecido popularmente como Aníbal, foi um general e estadista cartaginês. É considerado um dos maiores estrategistas militares da história. Ele cruzou os Alpes com elefantes e quase matou o berço do Império Romano. Em um conflito que durou pouco mais de seis horas, as tropas lideradas por Aníbal duelaram com quase 90 mil militares romanos.

A rainha de Sabá foi, na Torá, no Antigo e no Novo Testamento, no Alcorão, na história da Etiópia e do lémen, uma célebre soberana do antigo Reino de Sabá. A localização deste reino pode ter incluído os atuais territórios da Etiópia e do lémen. Conhecida entre os povos etíopes como "Makeda", esta rainha recebeu diferentes nomes ao longo dos tempos.. Na tradição islâmica ela era Balkis ou Bilkis. Flávio Josefo, historiador romano de origem judaica, a chamou de "Nicaula".

Rainha de Sabá (c. séc. X a.C)

MISS UNIVERSO 2017: Demi-Leigh Nel-Peters

Nascida em Sedgefield, 28 jun. 1995 é uma modelo sul-africana e rainha de beleza que foi coroada Miss Universo 2017. Ela foi anteriormente coroada Miss África do Sul 2017 e é a segunda vencedora do Miss Universo nascida na África do Sul, após Margaret Gardiner vencer o concurso em 1978.

MISS UNIVERSO 2011: **Leila Luliana da Costa Vieira Lopes Umenyiora (Benguela, 26 fev. 1986) é uma rainha de beleza angolana, eleita e coroada como Miss Angola 2011 em Luanda, no dia 18 dez. 2010. A 12 set. 2011, foi coroada Miss Universo 2011 na cidade de São Paulo, Brasil.**

MISS UNIVERSO 1999: **Mpule Keneilwe Kwelagobe (Gaborone, 4 nov. 1979)**

É uma modelo e ativista botsuanense. Foi a primeira africana negra coroada com este título. Ativista dos Direitos Humanos, sendo reconhecida por seu trabalho contra a AIDS e pela advocacia dos direitos dos jovens e das mulheres a terem maior acesso à educação sobre sexo reprodutivo e serviços referentes a esta causa.

MISS UNIVERSO 2011: **Michelle McLean (Windhoek, 30 jul. 1972) é uma rainha da beleza, empresária e apresentadora de tv da Namíbia, eleita Miss Universo 1992 aos 19 anos, no concurso realizado em Bangcoc, Tailândia, em maio daquele ano.**

MICHELLE MCLEAN

MISS UNIVERSO 1978: Margaret Gardiner (Cidade do Cabo, 21 ago .1959)

É uma rainha da beleza sul-africana, coroada Miss Universo 1978. Foi a primeira africana a vencer o concurso. Margaret, representando a oficialmente racista África do Sul, que vivia sob o regime do Apartheid, recebeu sua coroa das mãos de Janelle Commissiong, de Trinidad e Tobago, a primeira Miss Universo negra da história, eleita no ano anterior.

PAPAS AFRICANOS

Papa Victor I, foi o décimo quarto papa da Igreja Católica Apostólica Romana entre (datas aproximadas) 189 e 199.[Vítor nasceu na província romana de Tunísia; esta notícia é bastante certa, pois na Catedral Católica de Tunes, à esquerda do altar, tem um mosaico com o rosto dele. De seu pai sabe-se somente que se chamava Félix. Foi ele que estabeleceu o latim como a língua oficial da Igreja Católica em 195 A.D.

São Melquíades (2 jul. 311 – 10 jan. 314). Sucessor de Santo Eusébio, era natural de África e assumiu o trono pontifício em Roma, após o imperador Magêncio ter exilado Eusébio para a Sicília. Durante seu pontificado, em outubro de 312, Constantino derrotou Magêncio e assumiu o controle de Roma. Logo no início de 313, Constantino e o imperador Licínio chegaram a um acordo no Édito de Milão, indicando que eles iriam garantir a liberdade religiosa aos cristãos (e outras religiões) e restaurar as propriedades eclesiásticas

Gelásio I (1 mar. 492 — 21 nov. 496). Natural da antiga província de África Foi um dos primeiros papas que, como sintoma do poder autônomo que vinha adquirindo a Igreja de Roma, efetuou a distinção entre o poder temporal dos imperadores e o espiritual dos papas. Os bispos, de acordo com essa teoria, seriam superiores ao poder temporal. Foi este pontífice que começou com a canonização de São Valentim, o santo que se costuma comemorar no dia dos namorados.

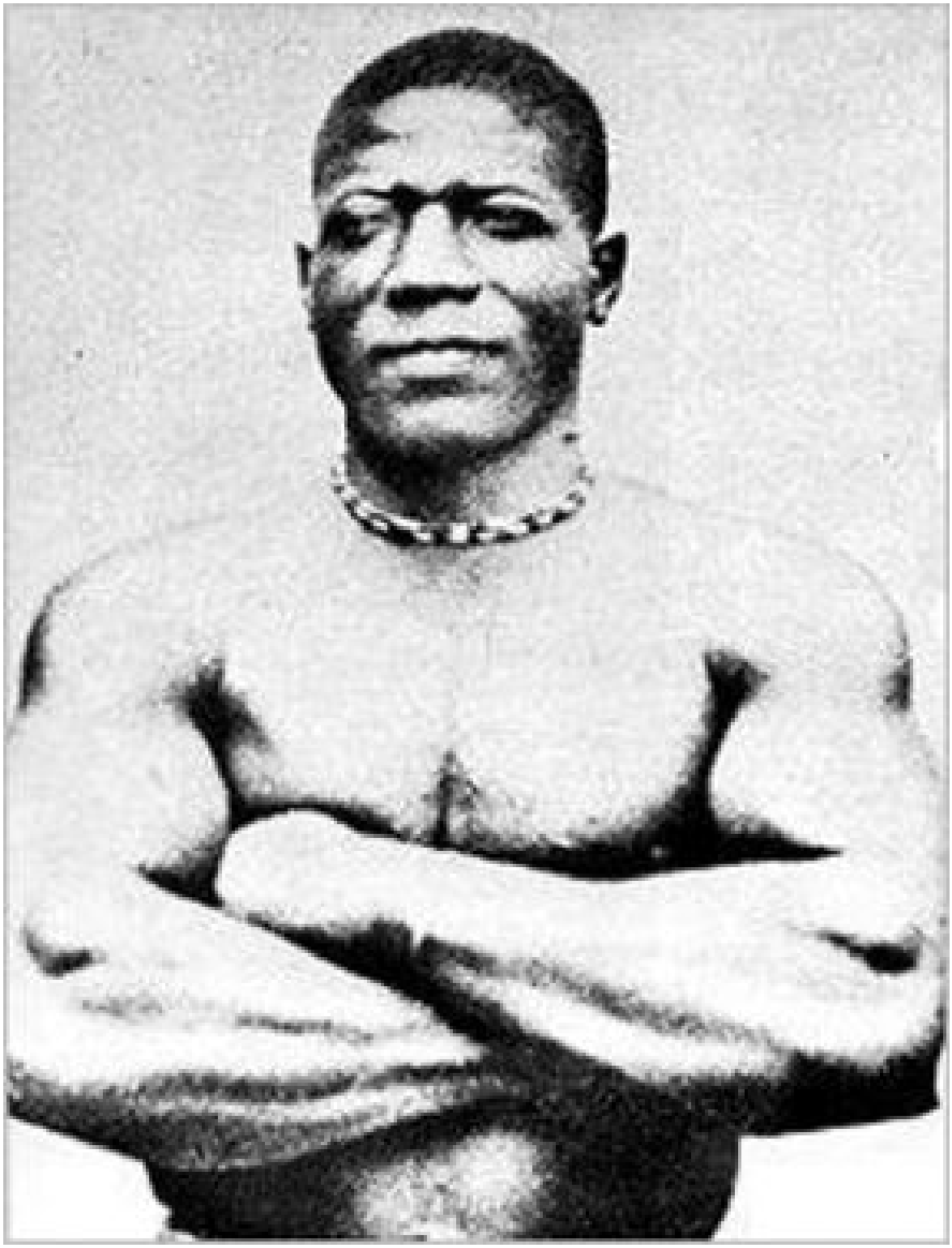
Foi uma filósofa neoplatônica grega do Egito Romano. Foi a primeira mulher documentada como tendo sido matemática. Como chefe da escola platônica em Alexandria, também lecionou filosofia e astronomia. Suas contribuições para a ciência incluem o mapeamento dos corpos celestes, além da suposta invenção do hidrômetro.

Hipátia

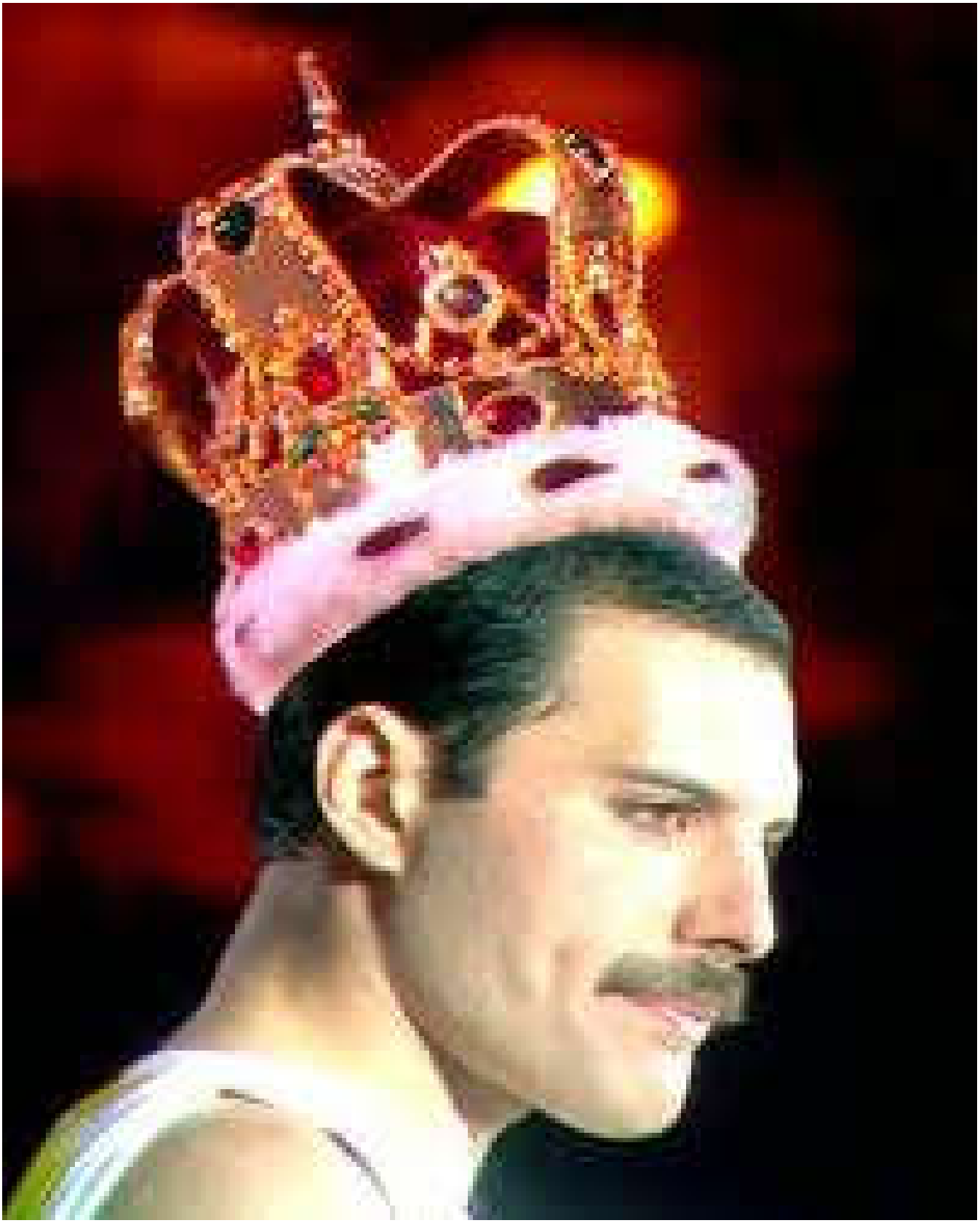
(Alexandria, c. 351/370 – 8 de março de 415)

Mandume ya Ndemufayo (1894 — Sul de Angola, 6 fev. 1917) foi o 17º e último monarca do Reino Cuanhama ainda independente. Foi também, para todos os efeitos, o líder militar e político da Confederação dos Reinos Ovambos durante as batalhas do Sudoeste Africano, na Primeira Guerra Mundial.

MANDUME



FRED MERCURY (Zanzibar, 5 set. 1946 — Londres, 24 nov. 1991): *Em 2006, ele foi nomeado a maior celebridade africana de todos os tempos e também eleito o maior líder de banda da história em uma votação pública organizada pela MTV americana.*



YASUKE: *COMO VIVEU NO SÉCULO 16, HÁ POUCOS REGISTROS OFICIAIS SOBRE SUA TRAJETÓRIA, MAS ACREDITA-SE QUE ELE ERA UM ESCRAVO NASCIDO EM MOÇAMBIQUE QUE CHEGOU AO JAPÃO ACOMPANHANDO ALESSANDRO VALIGNANO, UM JESUÍTA ITALIANO, PIONEIRO NA INTRODUÇÃO DO CATOLICISMO NO ORIENTE. FORAM AS CARTAS TROCADAS ENTRE VALIGNANO E OUTRO JESUÍTA, PORTUGUÊS LUIS FROIS, QUE GARANTIRAM QUE AO MENOS UMA PARTE DA HISTÓRIA DE YASUKE SOBREVIVESSE À PASSAGEM DO TEMPO.*

SEÇÃO CIENTISTAS

Nagwa Abdel Meguid, *geneticista, Egito*
Ela é reconhecida por liderar pesquisas a respeito de mutações genéticas ligadas a síndromes como o autismo e a síndrome do X frágil. A importância de suas descobertas rendeu a ela o Prêmio L'Oreal UNESCO para Mulheres na Ciência na África e Oriente Médio, em 2002. Desde então, Nagwa tem se dedicado a projetos que ajudam crianças com necessidades especiais e também participa de grupos que promovem o empoderamento feminino.

SEÇÃO CIENTISTAS

***Juliana Rotich**, tecnologista, Quênia*

Motivada pela onda de violência gerada nas eleições quenianas de 2007, ela foi uma das criadoras do app Ushahidi, que permite denunciar crimes e indicar o local do ocorrido via Google Maps. Também é fundadora da plataforma iHub, canal de troca de informação e facilitador de startups ligados à tecnologia. Juliana é membro do seleto TED Senior Fellow (grupo de embaixadores classe A do TED) e do World Economic Forum, para assuntos ligados à tecnologia. Não é por nada que ela já tenha sido apontada pelo The Guardian como uma das 100 mulheres mais influentes do mundo.

SEÇÃO CIENTISTAS

***Nashwa Eassa**, fisicista, Sudão*

Especialista em nanotecnologia, ela recebeu este ano um prêmio da Fundação Elsevier por sua atuação como cientista. Nashwa é professora na Universidade Al Neelain, em Cartum e está envolvida em um projeto que busca alternativas para o tratamento de água através da radiação solar. Ela também é a fundadora do Sudanese Women in Sciences, ONG que visa incentivar mulheres sudanesas a se envolverem na ciência.

SEÇÃO CIENTISTAS

***Godliver Businge**, engenheira civil, UgandaEspecialista em saneamento, ela treina mulheres através de uma organização linda chamada Global Women's Water, que capacita mulheres e visa melhorar o saneamento e o acesso à água em zonas pobres. Junto com uma equipe de mulheres, Godliver percorre países como Uganda, Tanzânia e Quênia para implementar o projeto em zonas rurais onde há carência de tudo. Ela foi reconhecida pela Reuters como uma das mulheres mais influentes do mundo para assuntos ligados à água (Female Water Role Model).*

SEÇÃO CIENTISTAS

***Rapelang Rabana**, tecnologista, África do Sul*
Especializada em ciências da computação, é uma das empreendedoras mais respeitadas da área na África do Sul. É uma das fundadoras e CEO da Yeigo Comunications, a primeira companhia do país a oferecer chamadas de áudio gratuitas através da internet. Ganhou notoriedade internacional e firmou parcerias com grandes empresas para o desenvolvimento do ReKindle Learning, plataforma de educação integrada online. Em 2013 ela estampou a capa da Forbes Africa e figurou na lista dos 30 jovens empreendedores mais influentes do continente.